

Editorial

No dia 10 de Junho, no seu discurso, João Bénard da Costa lançou-nos um repto: “*Setúbal talvez seja das cidades de Portugal a que tem mais para contar e da qual menos se conta*”.

Com o intuito de contrariar esta realidade - já há muito sentida pelos setubalenses -, nasceu em 1999 o *Centro de Estudos Bocageanos*, associação que pugna pela dinamização da vida cultural da cidade, divulgando e promovendo figuras, factos e eventos de âmbito local e regional.

Perseguindo o objectivo que nos move, divulgamos, este mês, uma entrevista à poetisa Ana Paula Rosa, autora da obra “*Nascente de Mim*” - edição do Centro de Estudos Bocageanos -, lançada no passado dia 15 de Junho, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Setúbal.

Por lapso, na página de Maio, não se identificou o autor do texto “*Eleições autárquicas de 1908*” (António Chitas) ○

António Chitas

Notícias do CEB

Manuel Henrique Figueira enviou-nos a sua obra *Liceu de Bocage - Histórias e Memórias (1857-1974)*, cujo texto constitui a sua tese de Mestrado. A Biblioteca de Fundo Local do Centro de Estudos Bocageanos ficou enriquecida. O nosso agradecimento.

A Biblioteca Nacional acaba de inaugurar uma exposição dos espólios literários que constituem o seu acervo. *As Mãos da Escrita*, assim se intitula a mostra, é também o título do respectivo catálogo no qual são citadas quatro personalidades ilustres sadinas, por nascimento ou vivência: Ana de Castro Osório, Paulino de Oliveira e os seus filhos, José Osório de Oliveira e João Osório de Castro. Uma iniciativa a não perder.

Na sede do Centro de Estudos Bocageanos, está patente uma exposição sobre António Maria Eusébio, o Calafate. Poderá ser apreciada às quartas-feiras, entre as 14,30 e as 18 horas.

O lançamento do CD de poesia de Bocage, dita por José Nobre, com acompanhamento musical de Rui Serôdio, terá lugar no mês de Setembro ○

Breve entrevista a Ana Paula Rosa sobre o livro que acaba de publicar

CEB- O título da sua obra, “*Nascente de Mim*”, parece-nos sugestivo. Pode explicar-nos o processo que a conduziu a esta escolha?

ANA PAULA- Vai ser um pouco difícil responder a essa pergunta, porque mesmo antes de ter escrito fosse o que fosse, há vinte e cinco anos, já eu tinha escolhido este título. Foi com ele que abri o livro em branco que me ofereceram quando andava na faculdade. Recordo que primeiro pensei em “*Passaporte para o Eu*”, o que vem a dar no mesmo, presumo uma viagem ao interior de mim mesma, mas, partindo do pressuposto que o título é a primeira impressão que temos de uma obra, o seu primeiro cartão de visita, preferi optar por “*Nascente de Mim*”, que instaura desde logo uma das ideias-chave que persigo na minha poesia, a ideia do Eu como fonte donde emana o caos, mas também o etéreo, a beleza, o perene, em suma, a poesia.

CEB- O que acaba de dizer já nos orienta um pouco a leitura dos seus poemas, não concorda?

ANA PAULA- Sem dúvida, e por isso sou da opinião que para qualquer autor é sempre difícil falar da sua obra, porque efectivamente ele já cumpriu a sua “*tarefa*”, se é que se pode assim entender, que foi escrever. Tudo o que o autor possa dizer acerca da sua obra condiciona-nos de certa forma... isso é normal, mas não sei se será desejável. Não sei até que ponto isso não poderá reduzir a liberdade interpretativa do leitor. De qualquer forma, quero acrescentar que de modo algum escrevo de forma compulsiva; pelo contrário, sou muito selectiva nos momentos criativos e por isso eles



1 - Capa da autoria de Ricardo Fraga Pires, com desenho a tinta da china de Ana Margarida Chora.



2 - Aspecto do lançamento da obra *Nascente de Mim*, da autoria de Ana Paula Rosa.

são escassos. Escrevo só quando sinto estar a viver um determinado momento em que me deparo com a necessidade de transpor o indizível, ou melhor, escrevo quando estou na disposição de procurar a linguagem que melhor traduza um alvoroço, a procura, o devaneio, uma vivência, um desconforto ou uma qualquer conquista vital.

CEB- Pode partilhar connosco um desses momentos?

ANA PAULA- Sim claro. Certa vez, em 2001, fui ao Oceanário de Lisboa, onde me deparei com um peixinho de águas quentes, minúsculo mas lindíssimo, que mal consegui distinguir, escondido que estava entre uma espécie de alga que era um misto de trança de princesa encantada a flutuar e pedaço de arranjo floral. Não me lembro do nome do peixe, só me lembro que senti uma felicidade inefável por ter o privilégio de ver aquele peixinho que se me afigu-

rou como uma representação de todos os tesouros e belezas do mar e do mundo... Só sei que quando cheguei a casa decidi escrever: “*Há peixes que são flores/Cantando nos meus olhos/ Há mares alados/ Ondeando/ Presos nos meus olhos*”.

CEB- Para além do mar, quais são as outras temáticas fundamentais da sua poesia?

ANA PAULA- Posso dizer que os meus poemas têm essencialmente uma temática amorosa, ligada ao Eu. São recorrentes temas como o tempo, a procura de si próprio no outro, a tentativa de fusão do Eu e do Tu num Nós idealizado e que por isso é, afinal, uma projecção sentimental do Eu. Mas a temática do amor passa também muito pela do corpo e da entrega amorosa e pela temática da esperança, que não é disfórica e que se projecta no futuro, mas também é tornada possível pela memória indestrutível do passado.

CEB- Que influências reconhece que tem?

ANA PAULA- Não há nenhum autor isento de influências, pois nós somos também aquilo que lemos e daí que eu reconheça influências sobretudo de Sophia de Mello Breyner e Florbela Espanca, admiráveis escritoras e mulheres, para além do excepcional Eugénio de Andrade.

CEB- Que autores admira?

ANA PAULA- Nos portugueses, destaco, para além dos que já referi, Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro e Eça de Queirós. De entre os estrangeiros, posso dizer que sou fã incondicional de Gabriel Garcia Marquez e que descobri há pouco o japonês Haruki Murakami e o seu extraordinário “*Kafka à beira-mar*”, mas também gosto de Isabel Allende, Laura Esquivel e do brasileiro João Ubaldo Rodrigues. Para além de muitos outros, claro, mas são estes que eu destaco ○

AS MINHAS PRIMEIRAS LETRAS

Corria tranquila a década de 60. O consulado salazarista aproximava-se rapidamente do fim. O regime, todavia, teimava em sobreviver, numa atitude manifestamente autista.

Os ventos da história sopravam há muito noutra direcção e nós, obstinadamente, resistíamos à mudança, inevitável e necessária.

É neste contexto histórico e social que o autor destas linhas inicia o seu percurso escolar, num colégio da cidade.

A proprietária e professora responsável pela escola é uma profissional em fim de carreira, que debita aos seus alunos o melhor da cartilha do “*Estado Novo*”. A

sala de aula, onde se desenrolava diariamente o patriótico acto de moldar as tenras consciências, parecia parada no tempo: o omnipresente quadro negro, ladeado pelos imprescindíveis mapa de Portugal e armário dos sólidos geométricos, era encimado pelas fotografias emolduradas dos presidentes do Conselho e da República, com o crucifixo, estrategicamente, colocado a meio.

Era neste ambiente, algo soturno e intimidante, que decorriam, pensamente, as actividades lectivas, que, invariavelmente, assumiam a forma de récitas intermináveis, fastidiosas e entediadas dos rios de Portugal e colónias,

das estações de caminho-de-ferro, serras de Portugal Continental e ilhas, dinastias e reis, e ... a execrável tabuada e tudo o resto a ela associado...

O “*Livro de Leituras*”, expoente máximo de inculcação ideológica, transportava-nos para um passado glorioso de santos, mártires e heróis, onde se veiculava o ideal de serviço à Pátria que, à época, passava pela defesa dos “*nostros territórios ultramarinos*” e pelo sacrifício abnegado dos “*nostros soldados*”, se tal fosse necessário.

Outros tempos...outras realidades!... ○

António Chitas

Tempo

Ah! Tempo perfeito!
Tempo em que as coisas são belas
E as palavras aves
Tempo em que a vida é leve
E o silêncio gotas de orvalho
Plenas, cheias, leves
Tempo pleno de harmonia
De significado, de doçura
Tempo de uma poesia
Tempo de um poeta
Que transborda de sonhos.

Ah! Tempo tão perfeito
Tão ideal, tão inatingível

Ah! Tempo perfeito e impossível!

1983